

Hoi Sophistai: Sobre a Dissolução de uma Categoria Historiográfica

Hoi Sophistai: On the Dissolution of a Historiographical Category

LIVIO ROSSETTI*

Resumo: Os assim chamados sofistas foram objeto de seguidas tentativas de recuperação, enquanto pensadores robustos e dignos de interesse filosófico. E, no entanto, continuamos a empregar uma nomenclatura, tão problemática quanto a de “Pré-socráticos”, que é tributária das invenções literárias de Platão. Para além da estereotípia da divisão entre filósofos e sofistas, o autor oferece indicações que permitem compreender a criatividade e a originalidade desse grupo de intelectuais do século V a. C., do ponto de vista de suas estratégias comunicacionais inovadoras.

Palavras-chave: Sofistas; historiografia; Pré-socráticos; Sócrates.

Abstract: The so-called sophists have been the object of a series of attempts to recover them as robust thinkers worthy of philosophical interest. We continue, however, to employ the problematic terminology of the “Presocratics,” which is a consequence of Plato’s literary inventions. Going beyond the stereotypical division between philosophers and sophists, this article indicates ways to understand the creativity and originality of this group of fifth-century intellectuals, in view of their innovative communicative strategies.

Keywords: Sophists; historiography; Presocratics; Socrates.

Dois livros estão abalando a própria noção de sofistas e sofista. Refiro-me, de um lado, à coletânea de fontes sobre os pré-socráticos recentemente apresentada por André Laks e Glenn Most, o “novo Diels-Kranz”, publicado em inglês e francês; e, de outro lado, a um livro de Gerardo Ramirez Vidal, *La invención de los sofistas*, publicado no México. Mas para falar dessas duas obras devo começar com uma referência a Hermann Diels. Ao publicar sua memorável recolha *Die Fragmente des Vorsokratiker* (1903), conseguiu tomar uma decisão de longo alcance, para o bem e para o mal: a inclusão dos

* Doutor em filosofia da Universidade de Perugia, Itália. E-mail: rossetti@unipg.it.

Estas anotações foram retiradas a partir da apresentação de conferência na “Socrática IV” (Buenos Aires, novembro 2018).

sofistas e a não inclusão de Sócrates. Foi por isso que ele pôde introduzir no título da sua obra a referência aos pré-socráticos, noção que depois conheceu uma extraordinária fortuna.

O lado positivo dessa decisão diz respeito aos sofistas, que assim foram admitidos entre os filósofos. Quase um século antes de Diels, Hegel lhes tinha reconhecido um papel constitutivo e essencial na História do Espírito. Depois dele veio Eduard Zeller, que lhes reservou uma coerente atenção no quadro da *Philosophie der Griechen*. Mas Diels teve o mérito de torná-los melhor conhecidos pelo fato de reunir com ordem os textos e as informações do contexto de cada um deles. O que aconteceu depois? Em linhas gerais, me limitarei a lembrar dos livros de Mario Untersteiner (¹ 1967), George B. Kerferd (1981) e Giuseppe Mazzara (1982 e 1999), que estão entre aqueles que mais contribuíram para radicar a ideia de que os sofistas foram autênticos filósofos, dignos, portanto, de uma grande atenção. Paralelamente a isso, temos assistido à progressiva “descoberta” de Górgias (ou à progressiva tomada de consciência acerca da riqueza de obras como *Elogio a Helena*, *Apologia de Palamedes* e o *Peri tou mē ontos*, de Antifonte (sobretudo de suas memoráveis *Tetralogias*) e de Protágoras, de Hípias, das Antilogias do *lógos amarturo*.¹ Disso resultou, naqueles que insistiam em reconhecer neles pensadores robustos (portanto filósofos com plenos direitos), alguma inútil relutância em notar, ao mesmo tempo, e em mais de um entre eles, formidáveis mestres de Retórica. O que não altera o fato de que a renovada atenção por esses intelectuais e pela criatividade de sua produção seja uma realidade das últimas décadas.

Em relação à coletânea concebida por Diels, Lask-Most se distingue, entre outras coisas, por terem decidido incluir em uma coletânea intitulada *Early Greek Philosophy / Les débuts de la philosophie* uma seção dedicada a Sócrates propondo, de fato, tratá-lo como um filósofo pré-socrático. Não é à toa que a seção sobre Sócrates vem logo depois daquela sobre Protágoras e Górgias e antes daquelas dedicadas a Pródico, Trasímaco, Hípias, Antifonte, e, em seguida, a outros intelectuais e outros textos do final do século V a.C.. Trata-se de uma escolha extremamente benemérita pela simples razão que Sócrates foi contemporâneo dos sofistas e formou-se com eles, respirando a mesma atmosfera cultural e contribuindo em igual medida para delinear os horizontes culturais do final do século V a.C..

¹ Alguns títulos pertinentes estão indicados na bibliografia.

De fato, pode-se muito bem dizer que Sócrates foi um dos protagonistas da vida cultural do século V a.C. tanto quanto Górgias, Antifonte e outros. Tomar consciência disso é, no entanto, desconcertante porque a exigência de reconhecer uma coisa tão evidentemente razoável não tinha havido até então. Por alguma estranha razão, “todos” (inclusive eu) temos por muito tempo olhado para Sócrates como um personagem projetado no século IV a.C., no mundo dos *Sōkratikoí logoi* e dos ecos posteriores, por isso faz sentido perguntarmo-nos, agora, o que nos impediu, o que impediu a vasta e prestigiosa comunidade científica que vai de Diels a Mondolfo e a Léon Robin, de Guthrie aos redatores do novo *Überweg* (refiro aos dois volumes de *Frühgriechische Philosophie* publicados em 2013), de tomar consciência dessa banal obviedade, que Sócrates se afirmou justamente enquanto se afirmaram personagens como Protágoras, Górgias, Antifonte e outros?

Justamente naquele mesmo ano, 2016, surge Gerardo Ramírez para causar mais discussão. Já no título ele fala de “invenção” dos sofistas, e na quarta capa lê-se que

*“En su lucha imperturbable en la búsqueda de la verdad, el filósofo Platón bautizó a sus adversarios con el título de ‘sofistas’” porém estes “nunca se identificaron a sí mismos como tales ni eran llamados así por sus contemporáneos, salvo una rara excepción”.**

O livro de Ramírez é realmente extraordinário, e é elogiável que Laks-Most tenham introduzido na sua coletânea um capítulo sobre Sócrates; por outro lado, abrem o flanco a fortes críticas pelo modo como foi “construído” esse capítulo (no qual aparece em evidência o Platão mais tradicional). Mas Ramírez Vidal explora amplamente a terminologia usada no século V a.C. e chega a demonstrar, de fato, que os personagens comumente classificados como sofistas nunca formaram, durante suas vidas, um grupo bem identificado, e nenhum deles pôde dizer de si mesmo “eu sou um sofista assim como X e Y”. Por conseguinte, ao ver passar dois ou três deles pela rua, ninguém poderia ter dito (ou pensado): “olhe, aqueles são os sofistas”.

O exame aprofundado das ocorrências do termo *sophistēs* e derivados compreendido por Ramírez é tal, que forçosamente nos leva a pensar que não há as mínimas condições para se falar daquele *Sophistic Movement* que teorizado por George K. Kerferd há pouco menos de quarenta anos². De

* N.T. – “Em sua luta inabalável em busca da verdade, o filósofo Platão batizou seus adversários com o título de ‘sofistas’” porém estes “nunca se identificaram a si mesmos como tais, nem eram chamados assim por seus contemporâneos, salvo uma rara exceção”.

fato, a única evidência disponível diz respeito a Pródico *sophistēs* e aparece em Aristófanes, n'As *Nuvens*, 360. Por outro lado, o *sophistēn dexion* d'As *Nuvens* 1111 refere-se, efetivamente, a Sócrates, mas somente como insinuação maliciosa, não como afirmação de um dado de fato, e isso pode muito bem significar, a meu ver que, segundo Aristófanes, Sócrates poderia ser considerado um sofista, mas não o era. Além do mais, resta entender a qual ideia de *sophistēs* se alude aqui, e também o que Pródico deveria ter em comum com Sócrates, a julgar pelo v. 360 d'As *Nuves*.

Há, em suma, condições para que pensemos que os sofistas foram considerados um grupo somente mais tarde, quando muitos já tinham morrido, estavam velhos ou muitos velhos, e tornaram-se um grupo somente quando e porque Platão começou a falar deles nesses termos. De fato, é com base na palavra de Platão que nós os conhecemos como sofistas e os imaginamos como um grupo, porque Platão, repetidamente, os apresentou assim, mas erradamente, talvez subavaliando o poder de sua afabulação, porque daí se originaram efeitos talvez superiores às expectativas do autor, se for verdade que já Aristóteles começou a falar de *Sophistikoi elenchoi*, e gerações inteiras de intelectuais do período imperial satisfizeram-se em reconhecer em si mesmos os novos sofistas ou os expoentes de uma escola sofística.

Por tanto, os sofistas não foram sofistas, ou o foram... tanto quanto Sócrates foi pré-socrático, isto é, inconscientemente e involuntariamente. Como é fácil imaginar, essa circunstância não é desprovida de consequências, tanto mais porque nesse meio tempo foi colocada em dúvida outra coisa, a possibilidade de associar, com fundamento, Sócrates à filosofia, ou pelo menos à possibilidade de imaginar-se que Sócrates tenha tido alguma ideia daquela filosofia sobre a qual depois Platão escreveu com ardor², conseguindo que se continuasse por milênios, e ainda se continua, a reconhecer na filosofia algo não muito diferente do que Platão ensinou e escreveu, aquela filosofia da qual Sócrates – mas somente depois da sua morte – tornou-se uma espécie de guia, campeão ou testemunho.

O resultado é clamoroso. Os sofistas não tinham consciência de ser sofistas. Sócrates não tinha consciência nem de ser também ele um sofista, nem de ser filósofo; mais especificamente, não teve ideia da noção de *ho philosophos*, nem da possibilidade que se delineasse o status de *ho philosophos*, muito menos de imaginar a si mesmo como exemplo, protótipo ou modelo

² Esse é o título de seu famoso livro publicado em 1981.

³ Sobre esse tema ver Rossetti 2015 ou, alternativamente, Rossetti 2018, cf. Bibliografia.

do verdadeiro filósofo, por que essa expressão começou a circular somente quinze ou vinte anos depois da sua morte.

Consequentemente, podemos nos perguntar o que, afinal, nos têm contado os historiadores da filosofia quando nos falam dos sofistas e da filosofia sofista, de Sócrates e de sua filosofia, de Platão e dos mitos criados por ele. Por que, afinal, acreditar em uma história tão vistosamente romanceada? Visto que Platão está na origem não só do mito da caverna, daquele da biga alada, dos mitos escatológicos e de alguns outros *mythos* não tão memoráveis, mas também na origem de outros mitos bem diferentes - entre os quais o mito de Sócrates filósofo e o mito dos sofistas entendido como um grupo reconhecido (de “gente má”). Infelizmente, para todos os pósteros, de Aristóteles até os modernos, entendeu-se que o primeiro grupo de mitos não era para ser tomado ao pé da letra (até aqui tudo bem), mas não se entendeu que deveria ser avaliado corretamente o que há de forçado no segundo grupo de mitos platônicos.

Estou, de fato, provavelmente certo de que ninguém ainda se sentiu no direito (e no dever) de inserir também o mito de Sócrates filósofo e o mito dos sofistas entendido como um grupo reconhecido na série dos mitos platônicos, por isso se tem limitado a sustentar que os sofistas não foram assim tão maus como Platão nos fez supor, mas tiveram sim outros méritos. No entanto, porém, a sua qualificação como sofistas é reconhecida unanimemente. Então me pergunto: é talvez irrelevante que uma invenção literária seja tomada por verdade por parte de uma vasta e “severa” comunidade científica?

Entre os efeitos paradoxais dessa situação há a falta de um termo suficientemente neutro para indicar o grupo de intelectuais conhecido como “os sofistas”, por isso a falta de expressões alternativas válidas também causa problema, na medida em que corremos o risco de continuar a falar dos *sofistas* do século V a.C., e mais o risco de tornar crível uma etiqueta enganadora.

Ainda que não tenha sido normal para eles considerarem-se todos sofistas, eles não deixaram de constituir uma “nebulosa socioprofissional” (Laks e Most) ou, se se preferir, um círculo de intelectuais de ponta. Eles compartilharam um admirável denominador comum e se diferenciaram principalmente, ousou dizer, por terem inventado uma série de alternativas memoráveis ao tratado *Peri physeōs*: as Antilogias e os *Peri physeōs*: a Paródia (em “prejuízo” de Melisso), alguma forma de lógo- ou psicoterapia (no caso de Antifonte), a noção antiga de *philosophein*, o diálogo desarticulado de Sócrates, uma proto-história do que viria a tornar-se, para muitos, a filosofia pré-socrática (Hípias), uma aprofundada análise da democracia ateniense (a

Athēnaiōn politeia anônima), e a própria invenção de uma nova profissão, a do *psēphismatopolēs*⁴, cuja existência nos é revelada pelos *Pássaros*, de Aristófanes. Aquele foi um grupo de intelectuais que trabalhavam ao lado dos poetas trágicos e cômicos, dos historiadores, médicos, escultores, pintores, arquitetos, matemáticos, astrônomos, *grammateis* de alto nível, autores de tratados e pequenos tratados de um novo tipo e outras figuras, mas se distinguiram pela invenção de uma meia dúzia de gêneros literários inéditos os quais, infelizmente, quem estuda os gêneros literários da Grécia Clássica deve ainda aprender a reconhecer e a levar em consideração como deveria.

Admitir-se-á, graças às “invenções” desses personagens e às múltiplas formas de interação entre eles, que seguramente se estabeleceram e o mundo realmente mudou. Pois encontrar-se e viver em um contexto tão fértil, com tantas formas de comunicação anteriormente desconhecidas e tantos novos mestres em sábia comunicação teve provavelmente o poder de aumentar as potencialidades da mente humana. Para começar a supor isso, é suficiente tentar imaginar a vivência de quem ia ao teatro em Atenas e tinha acesso ao menos a algumas dessas novidades. Necessariamente se sentia diferente daquele que conhecia somente a oferta de tratados e pequenos tratados, porque estes últimos fazem com que você saiba algo, enquanto os paradoxos de Zenão, o teatro e as invenções dos ‘sofistas’ e a literatura socrática antiga fazem com que você pense e dê o que pensar!

De fato, os assim chamados sofistas, e Sócrates com eles, distinguiram-se não por terem gasto as suas melhores energias com o escopo de estabelecer e ensinar doutrinas, mas por terem elaborado e desenvolvido variadas estratégias comunicacionais (as Antilogias, o *logos amarturos*, o diálogo), cada uma das quais era uma novidade “absoluta”. Enquanto a tradição era que alguém se apresentasse como “professor”, no sentido de detentor de um saber e desta ou daquela teoria, para o grupo de intelectuais aqui considerado a oferta de doutrinas acabou por se tornar um aspecto marginal da sua atividade e da sua criatividade, na medida em que eles privilegiaram a ideação e o desenvolvimento de novas formas de comunicação escrita e

⁴ O ‘vendedor de decretos’ (ou “comerciante de decretos”), o experto em propostas para deliberação a serem levadas à aprovação da *Boulē* e da *Ekklēsia* è uma figura nada banal, porque se tratava de identificar uma demanda muito específica e de ter a competência processual necessária para traçar um esboço de proposta para deliberação que fosse proponível, idônea a prevenir o surgimento de objeções prejudiciais concernentes a configuração formal do discurso (o parecer dos *grammateis* que trabalhavam com o secretário-chefe desse organismo), objeções prejudiciais que, inevitavelmente, funcionavam como filtro.

oral. Se por um lado, a comunicação escrita conheceu as inovações supracitadas, também a comunicação oral conheceu toda uma série de novas modalidades: o diálogo platônico com as suas peculiares potencialidades, mas também o papel de Antifonte como terapeuta em Corinto (como se lê nas *Vidas dos dez oradores* do Pseudo-Plutarco 83C = 87A6 DK = 37P9 LM), e assim também a “declamação” de textos desnorteantes, também capazes de fascinar tanto quanto um espetáculo teatral ou uma competição oratória em um tribunal (as Antilogias, as Tetralogias), o ensinamento pago em casas privadas, o próprio adestramento para uma boa declamação por parte de quem se preparava para tomar a palavra em um tribunal – eventualmente na *Boulē* e/ou na *ekklēsia* – como acusador ou como imputado.

Assim, pouco a pouco, a capacidade de levantar problemas capazes de suscitar curiosidade (e eventualmente desorientar) tornou-se mais importante e mais apreciada do que a oferta de doutrinas bem estabelecidas, a ponto de instituir uma poderosa moda comunicacional que, se verossimilmente começou com Zenão de Eleia e Protágoras de Abdera, depois continuou sem interrupção até as primeiras décadas só século IV a.C.. De fato Platão e os outros autores de diálogos socráticos não somente se dedicaram a reviver uma situação e a dar-lhe voz, mas se mostraram quase sempre desinteressados em deixar emergir dessas unidades textuais um ensinamento ou uma “lição” bem precisa (como voltou a acontecer em bom número de diálogos socráticos de Xenofonte – mas pelo menos não em todos – e no caso do *Protréptico* de Aristóteles).

Deve ser dito aqui *per accidens*: com isso entendemos porque alguém como Demócrito nunca teve sucesso em Atenas: ele continuou a escrever tratados e a comportar-se, de fato, como um “professor”, portanto, um *sophós* do velho molde. O momento dos sofistas, de fato (parece inevitável continuar a chamá-los assim) e da primeira geração de socráticos, apresenta vistosos sinais de continuidade, justamente como um longo e criativo parêntese na história do primado milenar dos tratados, história esta que começou com uma dezena ou uma dúzia de *Peri physeōs* e foi relançada de maneira “definitiva” por Aristóteles.

A consequência disso tudo é que não compreenderemos os sofistas (nem os socráticos) enquanto deixarmos que nos escape a peculiar criatividade comum que une Sócrates a Protágoras, Górgias, Antifonte e a muitos outros contemporâneos destes, criatividade que depois caracterizou a formidável onda dos diálogos socráticos. Aquele foi, a meu ver, um momento memorável justamente porque foi caracterizado pela busca de uma comunicação

de qualidade dirigida para surpreender, suscitar problemas e promover a reflexão dos destinatários de cada uma das iniciativas comunicacionais. Não por acaso, para encontrar uma retomada dessas formas de comunicação de qualidade, programaticamente separadas na forma “tratado”, é necessário chegar ao Iluminismo e aos primeiros existencialistas. Nesse sentido, parar para repensar a literatura grega do período que vai de Zenão de Eleia até Platão (inclusive), sempre tentando não falar mais nem de sofistas nem de filósofos senão na presença de atestações bem nítidas, ajuda-nos a sair dos estereótipos e a colher a especificidade de uma fase de rara criatividade.

Penso, sobretudo, que as futuras histórias da Retórica grega deveriam decidir se levam ou em consideração não somente as teorias retóricas e os tratados sobre retórica de alguns deles, mas também – aliás, antes de mais nada – as muitas fórmulas comunicacionais “avançadas” que eles idearam: aquelas pelas quais acabamos de passar em uma rápida resenha.

Concluindo, temos motivos para abandonar algumas etiquetas, mas também para abandonar mais de um esquema historiográfico: os sofistas não foram somente os teóricos do relativismo ou da oposição natureza-cultura (isso são ensinamentos), mas foram muito mais do que isso, e é desapontador que, por tanto tempo, a tradição exegética tenha sido capaz de *não* percebê-lo. É bom que essas coisas agora estejam mudando!

Chega assim o momento de reconhecer que Laks e Most se, estranhamente, falaram de “sistemas filosóficos” em relação a Anaxágoras e Arquelaus, aos primeiros atomistas, ao *Corpus Hipocrático* e ao *Papiro de Derveni*, tiveram, porém, o cuidado de só usarem a palavra sofista entre aspas e não sem fornecerem as devidas explicações. Fizeram-no sem saber da existência do livro de Gerardo Ramírez.

Tradução do italiano de Renato Ambrósio

[Recebido em novembro/2018; Aceito em janeiro/2019]

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- D. Bremer, “Von der frühen Philosophen zu den Sophisten”, in H. Flashar-H. Bremer-G. Rechenauer (eds.), *Frühgriechische philosophie*, Basel 2013, 949-970.
- G. Cambiano, *I filosofi in Grecia e a Roma*, Bologna 2013.
- B. Centrone, *Prima lezione di filosofia antica*, Roma-Bari 2018.
- G. Cerri, “Le Nuvole di Aristofane e la realtà storica di Socrate”, in F. Perusino e M. Colantonio (eds.), *La commedia greca e la storia*, Pisa 2012, 151-194.

- M Corradi, *Protagora tra filologia e filosofia. Le testimonianze di Aristotele*, Pisa 2012.
- U. Curi, *Prolegomeni per una popsofia*, Milano-Udine 2013.
- M.L. Desclos-F. Fronterotta (eds.), *La Sagesse présocratique. Communication des savoirs en Grèce archaïque: des lieux et des hommes*, Paris 2013.
- M. Dixsaut-A. Brancacci, *Platon, source des présocratiques*, Paris 2002.
- L. Edmunds, "What was Socrates Called?", *Classical Quarterly* 56 (2006), 414-425.
- F. Ferrari, *I miti di Platone*, Milano 2006.
- H. Flashar-H. Bremer-G. Rechenauer (eds.), *Frühgriechische philosophie (= Grundriss der Geschichte der Philosophie*, Vollig neue bearbeitete Ausgabe, *Philosophie der Antike*, Band 1), Basel 2013.
- M. Gagarin, *Antiphon the Athenian. Oratory, Law, and Justice in the Age of the Sophists*, Austin TX 2002.
- M.L. Gemelli Marciano, *Die Vorsokratiker. Griechisch und Deutsch*, I-III, Düsseldorf 2007-2010.
- G. Giannantoni, *Socratis et Socraticorum Reliquiae*, I-IV, Napoli 1990.
- M. Gigante e G. Maddoli (eds.), *L'Athenaion Politeia dello Pseudo-Senofonte*, Napoli 1997.
- S. Giombini, *Gorgia epidittico*, Passignano s.T. 2012.
- R. Goulet (dir.), *Dictionnaire de la Philosophie Antique*, Paris 1989-2018.
- D.W. Graham, *The Texts of Early Greek Philosophy*, I-II, Cambridge 2010.
- G. B. Kerferd, *The Sophistic Movement*, Cambridge 1981.
- A. Laks-C. Loguet (eds.), *Qu'est-ce que la philosophie présocratique?*, Lille 2002.
- A. Laks-G.W. Most, *Early Greek Philosophers*, I-IX, Cambridge MS-London 2016.
- A. Laks-G.W. Most, *Les débuts de la Philosophie*, Paris 2016.
- N.R. Livingstone, "Isocrates: Philosophia as Refined Civic Discourse", in F. Wörther (ed.), *Literary and Philosophical Rhetoric in the Greek, Roman, Syriac and Arabic Worlds*, Hildesheim-Zurich-New York, 2009, 43-54.
- A.A. Long (ed.), *The Cambridge Companion to Early Greek Philosophy*, Cambridge 1999.
- J. Mansfeld-O. Primavesi, *Die Vorsokratiker*, Stuttgart 2011.
- G. Mazzara, *Gorgia ontologo e metafisico*, Palermo 1982.
- Id., *Gorgia. La retorica del verosimile*, Sankt Augustin 1999.
- M. McCoy, *Plato on the Rhetoric of Sophists and Philosophers*, Cambridge 2007.
- M. Narcy, "Antiphon d'Athènes", in R. Goulet (dir.), *Dictionnaire des Philosophes Antiques*, I, Paris 1989 (2018), 225-244.
- A.W. Nightingale, *Genres in Dialogue. Plato and the Construct of Philosophy*, Cambridge 1995.
- A. Patzer, *Der Sophist Hippias als Philosophiehistoriker*, Freiburg-München 1986.
- G.J. Pendrick, *Antiphon the Sophist: The Fragments*, Cambridge 2002.
- S. Peterson, *Socrates and Philosophy in the Dialogues of Plato*, Cambridge 2011.
- G. Ramírez Vidal, *La invención de los sofistas*, México 2016.
- L. Rossetti, "Plato on the Pre-Socratics", in J.J.E. Gracia & J. Yu (eds.), *Uses and Abuses of the Classics. Western Interpretations of Greek Philosophy*, Aldershot 2004, 11-35.
- Id., "Quando gli Ionici (e altri) sono stati promossi filosofi", *Anais de Filosofia Clássica* 8, 2010, 41-59.
- Id., "Il logos amarturos", *Zbornik Matice srpske za klasicne studije* 14, 2012, 49-71.
- Id., "Elogio delle antilogie", in E. Moscarelli, *Sofoi, Sofisti: Filosofi*, Napoli, 2014, IX-XIV.
- Id., "Il proto-trattato, la proto-summa di Anassimandro", in R.L. Cardullo-D. Iozzia (eds.), *Kallos kai aretē. Bellezza e virtù. Studi in onore di Maria Barbanti*, Catania 2015, 39-51.
- Id., *La filosofia non nasce con Talete, e nemmeno con Socrate*, Bologna 2015.

Id., “Socrates Philosophos?”, in A. Stavru-C. Moore (eds.), *Socrates and the Socratic Studies*, Leiden-Boston 2018, 268-298.

M.M. Sassi, *Gli inizi della filosofia: in Grecia*, Torino 2009.

M. Untersteiner, *I Sofisti*, Milano 1967.